

COMANDAR

Gen. A. FRANCO FERREIRA.

O estudo que pretendemos apresentar não ausculta a qualquer aspiração filosófica sôbre a sublime "arte de comandar", nem intenta dissecar as famosas "qualidades de Chefia", tão atualmente em voga.

O problema que equacionamos se prende essencialmente à vida prática, e decorre, de um lado, das observações pessoais que temos podido fazer sôbre as dificuldades que alguns camaradas têm encontrado no exercício do comando de unidades, de subunidades independentes ou mesmo de Grandes Unidades, e, por outro lado, se apóia no hábito que temos de reler, nos momentos de lazer, as velhas revistas, folhetos e libretos atinentes à profissão.

Nos exércitos pobres dos países em vias de desenvolvimento os programas de equipamento nem sempre podem seguir o ritmo febricitante do momento e, por vêzes, certo material recém-chegado a uma guarnição longínqua já está obsoleto para acompanhar a evolução da tática ensinada nos centros mais adiantados. Também pode ocorrer que a dificuldade de acesso a determinada guarnição seja a causa do retardo da chegada de meios materiais ou mesmo, do pessoal nelas classificado, verificando-se, então, claros nos efetivos e deficiências de recursos, geralmente de difícil solução para a vida material e instrucional das unidades. Outras vêzes o isolamento de certas guarnições cria problemas de ordem social, que só a habilidade do comandante logra resolver a contento. No reverso da medalha temos encontrado oficiais portadores de invejáveis títulos de instrutores e professores das mais respeitáveis escolas superiores do exército a se queixar por não haverem conseguido o sucesso que seriam capazes de alcançar, mercê de suas inteligências e culturas, quando, em verdade, os resultados foram amplamente satisfatórios e a contento dos chefes inspecionadores que souberam bem aquilatar as dificuldades que o angustiado queixoso teve que suplantar para realizá-los. Em alguns casos, mesmo, vemos certos camaradas vituperar a ignorância dos subordinados que não souberam compreender o "espírito" de suas acertadas ordens, levando o conjunto a um "status" de confusão e decrescida eficiência.

Estes seriam alguns dos muitos contratempos que o oficial encontrará quando tiver que se desincumbir das funções de comandante de alguma organização militar e que, para enfrentá-los e superá-los, terá que se munir de condições psicológicas favoráveis a uma decidida elevação de espírito capaz de permitir arrostá-los com êxito.

E foi com o pensamento orientado nesse sentido que passamos a folhear umas antigas revistas de 1957 — Armor, Maio e Junho —, e encontramos interessantíssimo artigo pertinente, de autoria do General USA Bruce C. Clark, com o sugestivo título “Com que, então, V. quer um comando...” e constituído de um interessante questionário que, data vênha, passamos a traduzir e adaptá-lo ao nosso ambiente, por considerá-lo um verdadeiro teste a que devem se submeter todos quantos almejam funções de comando.

Conta, pois, o articulista, que freqüentemente ouvia jovens oficiais dizer: — Estou fazendo fôrça para conseguir um comando... —, e de tanto ouvir tal frase, lançava um repto aos leitores, com o seguinte “contra-ataque”, — se V., prezado leitor, fôr um dêles, pergunto, estará V., realmente, fazendo isso? — terá V., realmente, meditado nos afanos encargos que decorrem do exato exercício de um comando e chegado à conclusão de que está cabalmente apto para exercê-lo? — Pois bem, vejamos quais seriam as suas respostas ao seguinte questionário:

— Estará V. disposto a dedicar ao seu comando tôdas as horas do dia e da noite, durante os sete dias da semana?

— Estará a sua espôsa disposta a proceder da mesma forma, visando a assegurar a “Comunhão da Família Militar”, na guarnição da sua unidade?

— Estará a sua família disposta a se ver colocada em segundo plano, se necessário, em relação à sua Companhia, seu Esquadrão, seu Batalhão, seu Grupo, seu Regimento, seu Grupamento Tático, sua Brigada ou sua Divisão?

— Saberá V. apreciar o convívio de gente mais jovem, estará V. preparado para enfrentar suas energias, considerar seus pontos de vista e solucionar, sem “parti-pris”, os problemas que êles costumam criar?

— Estará V. suficientemente disposto a sofrer os duros embates decorrentes do gesto nobre de arcar com a responsabilidade pelas falhas de seus subordinados?

— Será V. capaz e terá habilidade bastante para fazer com simultaneidade malabarismos com as “bolas” da instrução, da manutenção, dos testes periódicos, da administração, das comunicações, do rancho, dos suprimentos, da educação física, do tiro, das inspeções, da disciplina e das relações públicas, sem deixar “cair” qualquer delas?

— Estará V. habilitado a fazer muitas coisas ao mesmo tempo, ou, pelo contrário, prefere fazer uma coisa de cada vez?

— Como V. se sente diante de uma tarefa complexa?

— Estará V. convenientemente habituadô a receber ordens e executá-las sem detença nem ponderações?

— Julga-se V. tão bom executante quanto líder?

— Estará V. preparado para suportar, com esportividade, a dura concorrência das unidades congêneres dentro da organização a que V.

pertencer, conservando, a despeito de tudo, elevado espírito de cooperação e de trabalho em equipe com elas, em proveito do êxito da organização?

— Estará V. física e emocionalmente apto para suportar a carga que se propõe enfrentar?

— Terá V. a coragem bastante para tomar, e, sobretudo, para manter decisões duras?

— Estarão V. e sua família dispostos a viver em foco, observados como se fôsem “peixinhos dourados de um aquário”, sujeitos ao exame atento, por parte dos subordinados e dos superiores, de todos os atos de suas vidas?

— Saberá V. conservar o seu entusiasmo e seu bom-humor ao se defrontar com tarefas aparentemente impossíveis de serem realizadas, com os deficientes meios de que dispuser?

— Estará V. disposto a assumir responsabilidade pessoal pelas coisas que forem mal na sua unidade, corrigindo-as convenientemente, em vez de tentar transferir a culpa dos insucessos para os seus auxiliares imediatos, para o comando superior, ou mesmo para algum de seus subordinados?

— Estará V. disposto, e saberá V. fazer “milagres”, com o pouco de que V. dispõe, mesmo que êsse pouco seja, aparentemente, inadequado?

— Estará V. firmemente persuadido de que seja capaz de elevar o elemento que comandar à categoria de “unidade de escol”, embora saiba ser êle recrutado dentre o contingente de pessoal comum?

— Sentir-se-á V. capaz de empolgar o pessoal de sua unidade e de inspirar nêle o obsidente desejo de desempenhos destacados?

— Terá V. feito cuidadosa eleição dos êxitos a que deseja alcançar a sua unidade, ou espera apenas os que a sorte lhe puser ao alcance?

— Sentir-se-á V. realmente “em dia”, física e tècnicamente para conduzir a sua unidade aos bons êxitos a que deseja alcançá-la?

— Estará V. psicologicamente preparado para aceitar o risco de ser substituído no comando por haver obtido resultados apenas medíocres, no seu desempenho, a despeito dos esforços que houver feito para melhorá-los?

— Por fim, diga sinceramente, estará V. realmente desejando um comando, ou contentar-se-á com a averbação nas suas alterações de haver exercido um comando?

Prezado camarada, se as suas respostas a êste questionário forem incondicionalmente positivas, V. deverá lutar para obter um comando, porque, então, V. estará em condições de exercê-lo com êxito. Caso negativo, transfira a oportunidade, a fim de ganhar tempo para resolver as dificuldades da sua vida que poderão levá-lo a um insucesso de comando, por falta de condições psicológicas ideais para exercê-lo.

E, mais tarde, quando depender de V. o investimento de um comando para um camarada, ou quando algum oficial disser perto de V. — **estou precisando de um comando** —, apresente-lhe este questionário; se as respostas do candidato forem "SIM", sem hesitantes condicionais, êle indubitavelmente estará sendo sincero para sentir-se apto ao comando. Será o momento de V. fazer todo o empenho para que êle obtenha tão almejado comando, pois nenhuma outra designação ou nomeação dará, jamais, maior satisfação ao oficial, nem capacitá-lo-á melhor para bem servir ao Exército e à Pátria.

Pode-se perdoar uma vênia mal feita, num momento de pressa; mas nunca uma mentira, uma falta de lealdade ou uma covardia.

Napoleão

—:—

O mando pesa mais que a morte ao que não tem ambição.

Simón Bolívar

—:—

Não existe em verdade fracasso, se não fracassa o ânimo; a menos que vossa derrota tenha sido nesse terreno, vossa vitória é certa.

Austin

—:—

Não se trata tanto de aniquilar os combatentes como de aniquilar sua coragem. A vitória será vossa desde o momento em que fizerdes nascer no inimigo a convicção de que sua causa está perdida.

Von Der Goltz